

NEGÓCIOS FLORESTAIS AGUARDAM NOVO CENÁRIO POLÍTICO ECONÔMICO PARA ALAVANCAGEM

A conjuntura econômica do Centro de Inteligência em Florestas (CI Florestas) deste mês de abril de 2016 continua acompanhando a dinâmica do setor em meio ao contexto sócio, econômico e político nacional. Semelhante ao que acontece com muitos outros setores da economia brasileira, o setor florestal continua experimentando um estágio de pausa ou latência, uma vez que o contexto político ainda necessita de mais avanços para poder indicar um caminho mais claro a respeito de como a condição política e econômica do país vai caminhar.

Segmento de Celulose e Papel

Durante o período de janeiro a março de 2016, enquanto observou-se uma expansão nas exportações e importações de papel, o segmento de celulose apresentou comportamento oposto. De janeiro a março de 2016, foram observadas quedas nas exportações e importações brasileiras de celulose, devido à desaceleração das economias doméstica e de alguns países importadores do produto brasileiro e acréscimo nas exportações e importações de papel (Quadro 1).

Quadro 1 – Exportações e importações brasileiras de celulose e papel, de janeiro a março de 2016

Período (mês)	Celulose		Papel	
	Exportações (milhões US\$/FOB)	Importações (mil US\$/FOB)	Exportações (mil US\$/FOB)	Importações (mil US\$/FOB)
Jan./16	490,9	29	141,2	61,3
Fev./16	575,4	25	285,9	53,5
Mar./16	403,2	26	179,3	63,9

Fonte: MDIC (2016), elaborado pelos autores.

Os preços da celulose e do papel apresentaram uma tendência de queda ou estabilidade nesse período. Em São Paulo, de janeiro a abril de 2016, os preços da

celulose apresentaram redução e os preços do papel *offset* apresentaram um pequeno acréscimo. Já os preços do papel *cut size* permaneceram-se estáveis (Quadro 2).

Quadro 2 – Preço da celulose e do papel, em São Paulo, de janeiro a abril de 2016

Preço	Celulose (US\$/ton.)	Papel <i>offset</i> (R\$/ton.)	Papel <i>cut size</i> (R\$/ton.)
Jan./16	789,5	3.638,69	3.666,03
Fev./16	778,91	3.656,42	3.666,03
Mar./16	765,09	3.680,74	3.666,03
Abr./16	736,88	3.723,70	3.666,03
Variação (% ao mês)	-2,3	0,8	0

Fonte: CEPEA (2016).

Com relação às expectativas, no caso da celulose, estas são otimistas, uma vez que a China voltou a apresentar crescimento da sua economia. Além disso, o país deverá triplicar os volumes de celulose comprados do Brasil até 2025, de acordo com projeção da Pöyry Tecnologia. Conforme a Pöyry, a Ásia - com destaque para a China - será responsável por mais de 90% do crescimento da produção mundial de papel até 2025. Acredita-se que a China não será autossuficiente em celulose no futuro.

A meta para 2016 é ampliar a participação da celulose brasileira na China, nos Estados Unidos e na União Europeia, mercados nos quais o Brasil já participa com cerca de 45%, 71% e 69%, respectivamente, segundo a Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ).

Segundo Nilson Cardoso, diretor comercial da *International Paper* (IP), a demanda por papel de imprimir e escrever tem caído nos últimos anos em todo o mundo, devido a entrada de substitutos no mercado, como o livro eletrônico. No Brasil, o recuo é agravado pela desaceleração da economia. Entretanto, as vendas no País devem ficar estáveis em 2016 por conta de alguns eventos específicos, como as olimpíadas e as eleições municipais, além da distribuição de livros didáticos do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

Segmento de Madeira Processada

No mês de março de 2016, as exportações de madeira e derivados foram de US\$202,1 milhões, representando um aumento de 13,8% em relação ao mês anterior. Já as importações de março de 2016 foram de US\$10,6 milhões, representando um

aumento de 66,5% em relação ao mês anterior. Portanto, o saldo na balança comercial de março de 2016 teve um aumento de 11,8% em relação ao mês anterior, alcançando US\$191,5 milhões. No acumulado do ano de 2016, de janeiro a março, as exportações totalizaram US\$531,3 milhões, apresentando uma redução de 8,1%, quando comparadas às do mesmo período do ano passado, indicando uma retração nas atividades do setor. As importações de janeiro a março de 2016 totalizaram US\$27,2 milhões e foram 11,2% menores em relação ao mesmo período de 2015. Assim, o saldo acumulado da balança comercial de 2016 é de US\$504,2 milhões, 8% menor que igual período do ano passado. Portanto, o segmento de madeira processada apresentou, neste primeiro trimestre, um desempenho inferior aos registrados no ano passado (Quadro 3).

Quadro 3 – Balança comercial brasileira para madeira e derivados (capítulo 44) de janeiro a março de 2015 e 2016, em US\$1.000

Mês	2016			2015			Variação % entre os anos		
	Exp	Imp	Saldo	Exp	Imp	Saldo	Exp	Imp	Saldo
Jan.	151.606	10.225	141.381	161.095	11.579	149.516	-5,9	-11,7	-5,4
Fev.	177.655	6.362	171.293	180.993	9.079	171.914	-1,8	-29,9	-0,4
Mar.	202.099	10.596	191.503	236.351	9.965	226.386	-14,5	6,3	-15,4
Acumulado	531.359	27.183	504.176	578.439	30.623	547.816	-8,1	-11,2	-8,0
Variação % entre Mar. e Fev.	13,76	66,54	11,80	30,59	9,76	31,69			

Fonte: MDIC (2016), elaborado pelos autores.

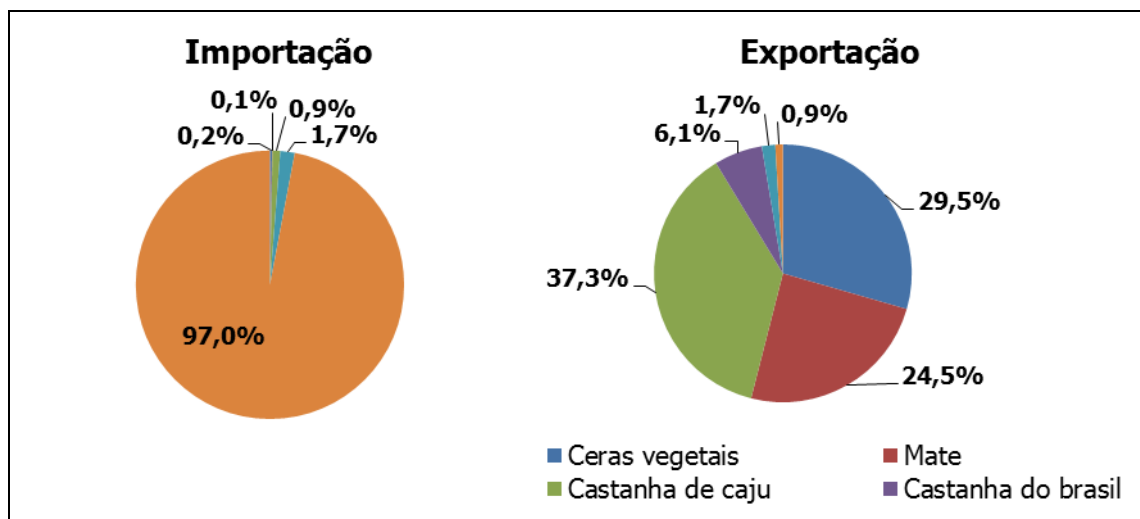
O segmento de madeira processada enfrenta dificuldades nas diversas regiões do Brasil, como no caso do norte do Mato Grosso, onde a comercialização de madeira industrializada para o mercado externo teve retração entre janeiro a abril deste ano. Segundo o presidente do Sindicato das Indústrias Madeireiras do Norte de Mato Grosso, Gleisson Omar Tagliari, as exportações caíram cerca de 30% em relação ao mesmo período do ano passado. A instabilidade política e a alta do dólar frente à moeda brasileira são os principais fatores afetando as negociações do primeiro quadrimestre do ano. "Nós vivemos um momento econômico não muito propício ao setor de base florestal, assim como entendemos para toda economia. Tínhamos uma visão bastante positiva e uma alternativa ao mercado interno, era a exportação com

câmbio bastante favorável. Mas, esta oscilação do dólar causa um transtorno muito grande, porque se faz todo um planejamento em cima de um determinado valor de câmbio. O momento está muito difícil para que possamos começar a nossa safra de madeira", declarou Gleisson (Só Notícias, 2016).

Segmento de Produtos Florestais Não-Madeireiros

No primeiro trimestre de 2016, o Brasil exportou US\$80,6 milhões (22 mil toneladas) dos produtos florestais não madeireiros: ceras vegetais, mate, castanha de caju, castanha do brasil, taninos e borracha natural. Este valor representou um decréscimo de 11,3% no valor total exportado comparativamente a 2015, quando as vendas externas destes produtos totalizaram US\$90,9 milhões (22,6 mil toneladas).

A castanha de caju possui maior participação no total acumulado das exportações dos PFMNs selecionados, enquanto que o produto que menos se destaca é a borracha natural. Contudo, a borracha natural passa a ganhar grande importância nas importações acumuladas por contribuir com 97% das mesmas (Figura 1).



Fonte: MDIC (2016), elaborado pelos autores

Figura 1 – Participação dos PFMN´s selecionados nas exportações e importações de janeiro a março de 2016.

O somatório das exportações dos PFMNs selecionados (US\$29,3 milhões; 8 mil toneladas), no mês de março deste ano, continua crescendo em relação aos dois meses anteriores. Por exemplo, comparando com o mês de fevereiro, este aumentou

5,8% em termos de valor e 4,8% em termos de volume, contribuindo com o saldo positivo na balança comercial de US\$12,5 milhões.

A exportação de borracha natural, em março de 2016, aumentou em 64,3 vezes em relação ao mesmo mês do ano anterior (Quadro 4) e em 251,3% em relação ao mês de fevereiro de 2016. Os demais produtos como as ceras vegetais, taninos e castanha do brasil apresentaram queda de 4,2%, 7,2% e 22,4%, respectivamente, quando comparado com fevereiro deste ano.

Uma pesquisa da CNA (para conhecer a realidade do segmento de produtos florestais não madeireiros, como a borracha, resina e tanino) indicou que a produção de borracha natural e látex são os principais produtos florestais não madeireiros, abrangendo 70% das respostas dos questionários (UAGRO, 2016).

Quadro 4 – Exportações e importações brasileiras dos PFNMs selecionados, de janeiro a março de 2015 e 2016, em 1.000 US\$ FOB

Produto não madeireiro	Meses	Exportação			Importação		
		2016	2015	Varição 2015-2014	2016	2015	Varição 2015-2014
Ceras vegetais	Fev.	8.554	12.237	-30%	36	149	-76%
	Mar.	8.194	12.055	-32%	47	235	-80%
	Jan.-Mar.	16.749	24.293	-31%	82	384	-79%
Mate	Fev.	7.248	6.659	9%	-	-	-
	Mar.	8.224	11.557	-29%	33	0,4	7.601%
	Jan.-Mar.	15.472	18.216	-15%	33	0,4	7.601%
Castanha de caju	Fev.	9.492	7.716	23%	133	142	-7%
	Mar.	10.500	7.201	46%	0,1	0,006	1.183%
	Jan.-Mar.	19.992	14.917	34%	133	142	-7%
Castanha do Brasil	Fev.	1.791	1.987	-10%	-	157	-100%
	Mar.	1.390	3.385	-59%	-	133	-100%
	Jan.-Mar.	3.181	5.371	-41%	-	290	-100%
Taninos	Fev.	473	265	78%	263	592	-56%
	Mar.	439	360	22%	458	431	6%
	Jan.-Mar.	912	625	46%	721	1.023	-29%
Borracha Natural	Fev.	167	26	548%	16.679	25.860	-36%
	Mar.	585	9	6.329%	16.295	29.733	-45%
	Jan.-Mar.	752	35	2.060%	32.974	55.593	-41%

Fonte: MDIC (2016), elaborado pelos autores.

O valor total das importações dos PFNMs selecionados (US\$52,6 milhões), nos primeiros três meses deste ano, reduziu-se em 35,4% na comparação com o mesmo período do ano anterior. No comparativo do mês de março com o mês de fevereiro de 2016, as vendas externas dos PFNMs para o Brasil caíram 1,6%, somando US\$16,8 milhões.

Entre os PFNMs selecionados, em março deste ano, o mate voltou a ser importado e a castanha do Brasil permanece como nos meses anteriores (sem importação). A compra externa de castanha de caju do Brasil caiu consideravelmente. As ceras vegetais e os taninos foram os produtos que aumentaram suas importações em 31,2% e 74,1%, respectivamente, em relação ao mês anterior (Quadro 4).

Segmento Moveleiro

O segmento de móveis teve certo alívio no seu desempenho ao apresentar resultado positivo nas vendas no varejo no mês de fevereiro. Segundo IBGE, o avanço de 1,2% na passagem de janeiro para fevereiro de 2016 para o comércio varejista como um todo, na série ajustada sazonalmente, foi acompanhado por quatro das oito atividades pesquisadas. O resultado positivo foi destacadamente influenciado por Móveis e eletrodomésticos (5,0%) e Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (0,8%). O aumento para o segmento veio após perda de 13,2% acumulada nos meses de dezembro de 2015 e janeiro de 2016. O segmento moveleiro, no entanto, mantém-se com queda na produção e nas exportações. Ainda segundo o IBGE, em fevereiro de 2016, a produção de móveis foi um dos segmentos que apresentaram queda, tendo contribuído com 8,8% em relação ao mesmo mês de 2015, para a queda do índice geral da produção industrial nacional que caiu 9,8%. Com a crise político-econômica interna, ainda ativamente em andamento, os esforços para alavancagem desse segmento ainda terão um longo caminho a percorrer.

Em março de 2016, o mercado externo apresentou desempenho ruim tanto nas exportações, quanto nas importações. As exportações totais de móveis caíram 32% em relação às do mesmo mês de 2015. No acumulado do ano, essas caíram 10% em relação às do mesmo período de 2015. O esforço exportador de alguns polos moveleiros e a desvalorização cambial não tem conseguido mover o segmento para maiores resultados nos valores exportados. As dificuldades enfrentadas são as de

sempre, em geral, aquelas relacionadas com a falta de competitividade do produto nacional (Quadro 5).

Quadro 5 - Exportações e importações brasileiras totais de móveis de janeiro a março de 2015 e de 2016 (US\$1.000 FOB)

Meses	Exportações totais		Variação	Importações totais		Variação
	2015	2016	2015-16	2015	2016	2015-16
Jan.	25.064	22.527	-10%	1.994	1.408	-29%
Fev.	30.901	32.562	5%	1.497	1.469	-2%
Mar.	44.672	30.606	-32%	2.335	1.261	-46%
Total	103.594	93.345	-10%	5.847	4.139	-29%

Fonte: MDIC (2016), elaborado pelos autores.

Em março de 2016, as importações totais de móveis despencaram em relação às do mesmo mês de 2015, ou seja, caíram 46%, praticamente para a metade dos valores daquele período. No acumulado deste primeiro trimestre de 2016, a queda nas importações, em relação ao mesmo período do ano de 2015, somou 29%. O câmbio continua sendo a principal razão para esse desempenho negativo das mesmas.

Segmento de Carvão para Siderurgia

Após alguns meses de lenta recuperação nos preços, desde o início do quarto trimestre de 2015, o preço do carvão vegetal apresentou melhora em todas as regiões acompanhadas pela AMS (Associação Mineira de Silvicultura). O preço médio do produto florestal apresentou, nas regionais mineiras, no mês de março, aumento de 9,8%. A região de Sete Lagoas apresentou o maior aumento (de R\$455 a tonelada em fevereiro para R\$525 em março). Divinópolis, depois de dois meses seguidos com valores estáveis, apresentou um aumento no preço do produto florestal (de R\$420 para R\$460 a tonelada). O Norte de Minas e a Grande BH seguem o ano com preço em ascensão (de R\$495 para R\$540 e de R\$440 para R\$480 a tonelada de carvão, respectivamente). O aumento do preço se deve, provavelmente, ao aumento da demanda do produto florestal graças a alta no preço do coque, substituto direto do carvão vegetal.

As exportações que vinham segurando o mercado siderúrgico tiveram queda de 11,5% quando comparadas às do mesmo período de 2015. Isto fez aumentar o resultado negativo do acumulado exportado de janeiro a março deste ano com relação a 2015 (-28,6%). A queda é consequência provável do reabastecimento das siderúrgicas chinesas (grandes concorrentes na produção de aço) com minério de ferro e por algumas interrupções de origem climática nos embarques na Austrália (produtores de ferro gusa), segundo a *Capital Economics*. A expectativa é de que esses fatores favoráveis às indústrias internacionais sejam temporários e que não afetem por muito tempo as vendas externas brasileiras.

O mercado nacional de siderúrgicos continua a passos lentos. A produção brasileira de ferro gusa em março de 2016 teve queda de 8,3%, quando comparada ao mesmo período do ano anterior. No acumulado do ano, o valor da produção também está abaixo do apresentado em 2015 (queda de 11,8%).

Em razão da impossibilidade de desligar os altos-fornos, pelo alto custo de religamento, quando há um excesso de oferta, as empresas reduzem a carga de matéria prima colocada no alto forno.

O consumo aparente nacional, em março de 2016, foi de 1,6 milhões de toneladas de produtos siderúrgicos, 28% menor que no mesmo período do ano anterior. No acumulado dos três primeiros meses, o consumo aparente alcançou 4,3 milhões de toneladas, 29,3% menor quando comparado aos mesmos meses de 2015.

Quanto às vendas internas, o resultado de março de 2016 foi de 1,5 milhão de toneladas de produtos siderúrgicos, redução de 23,8% em relação a março de 2015. As vendas acumuladas no ano caíram 23,1%, totalizando 4 milhões de toneladas.

Equipe Técnica do Centro de Inteligência em Florestas

Márcio Lopes da Silva – Eng. Florestal, D.Sc. Ciência Florestal

Altair Dias de Moura – Eng. Agrônomo, PhD. Agribusiness Management

Alberto Martins Rezende – Eng. Agrônomo, M.Sc. Economia Rural

Thaís Furtado Mendes – Gestora do Agronegócio, M.Sc. em Ciência Florestal

Naisy Silva Soares – Economista, D.Sc. Ciência Florestal

Lyvia Julienne Sousa Rêgo – Eng. Florestal M.Sc. em Ciência Florestal

*** Permitida a reprodução desde que citada a fonte.**